

PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS: DESAFIOS PARA OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Sueli Barros da Cruz Chaves¹
Angra Santos Porto²
Marcius de Almeida Gomes³

RESUMO

A produção de textos acadêmicos constitui em um desafio para os estudantes universitários em decorrência das dificuldades relativas à expressão de ideias e argumentos, bem como a utilização dos recursos de coesão e coerência. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo refletir acerca das novas tendências relacionadas ao texto, aos fatores de textualidade e à sua aplicação em sala de aula, através da utilização de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico e abordagem qualitativa, busca discutir aspectos relevantes no processo de escrita e reescrita de textos, com base nos estudos de Koch (1989), Val (1991), Silva (2001), Machado (2006), Bakhtin (2006), Severino (2007), Medeiros (2008), Faraco e Madryk (2008) e Antunes (2003, 2005, 2009, 2010 e 2014). A partir das discussões realizadas, será possível perceber que as dificuldades provenientes da educação básica se tornam perceptíveis na Universidade, devido à dificuldade de produção de textos acadêmicos, como fichamentos, resumos, artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso. Observa-se que o desenvolvimento das competências de leitura e escrita depende de uma multiplicidade de fatores, relativos à conscientização dos discentes para a importância da leitura no ambiente acadêmico, a interação com os diversos gêneros e tipologias textuais assim como o uso de metodologias e práticas interdisciplinares pelos docentes que privilegiam a linguagem numa perspectiva textual-interativa. Assim, este artigo contribuirá para reconhecer a importância da língua escrita no meio acadêmico e no mundo do trabalho e, sobretudo, para a construção do conhecimento por meio da pesquisa e para o exercício da cidadania pelos estudantes universitários.

Palavras-chave: Elaboração de textos. Coesão e coerência textual. Fatores de textualidade.

INTRODUÇÃO

A língua é instrumento de poder, pois através dela os indivíduos interagem nos diversos ambientes e grupos pelos quais está inserido como família, escola, igreja, bem como nas relações de trabalho e nas diversas instituições em que mantêm contato em seu cotidiano.

¹ Estudante Regular do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus XII. E-mail: schaves@uneb.br

² Estudante Regular do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus XII. E-mail: aporto@uneb.br

³ Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DEDC Campus XII. Professor do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). E-mail: magomes@uneb.br

Além disso, Antunes (2009) apresenta a língua como ponto de encontro com os nossos antepassados, com a história e com a trajetória de nossa memória coletiva, contribuindo para o processo de construção da identidade e com o sentimento de pertença a um determinado lugar.

Nas últimas décadas, as concepções teóricas relativas ao ensino de Língua Portuguesa passaram por diversas transformações em decorrência do surgimento de diversos estudos na área de Educação e na Linguística, bem como a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no Brasil. Com estas mudanças, houve a necessidade de estudar a língua baseada numa concepção interacional e discursiva (BAKHTIN, 2006), através do uso e da reflexão sobre a mesma.

Ao analisar as dificuldades vivenciadas pelos estudantes no processo de produção de textos ao longo de sua vida escolar, desde o Ensino Fundamental ao Ensino Superior, percebe-se que, geralmente em sala de aula, não ocorre o desenvolvimento da competência textual dos estudantes de forma efetiva. Trabalhar com o texto ainda é um desafio para os educadores em decorrência de fatores relacionados com as salas superlotadas, impossibilitando o acompanhamento dos estudantes e o trabalho com a reescrita de textos.

Em virtude desta problemática, ao ingressar na Universidade, quando os estudantes são desafiados a construir um texto, não sabem que direção tomar, quais os elementos coesivos deverão utilizar para realizar a ligação entre os termos de um período ou de um parágrafo. E, mesmo estudando tantos anos, os alunos saem da escola, inexperientes com a prática da construção do texto. Conforme aborda Machado (2006), ao concluir que apesar dos estudantes passarem, aproximadamente, quinze anos estudando língua portuguesa, não apresentam intimidade com a escrita.

A Universidade torna-se o lócus no qual as dificuldades linguísticas provenientes da Educação Básica se manifestam, considerando a quantidade e diversidade de alunos, provenientes de diferentes classes sociais, da escola. Por conseguinte, são inúmeros os desafios que os estudantes enfrentam relativos às práticas de leitura e escrita, se defrontando com a necessidade de compreensão de inúmeros textos acadêmicos, apresentação de seminários, elaboração de resumos, fichamentos, resenhas, artigos e outros.

Para tanto, a Universidade através do tripé ensino, pesquisa e extensão poderá instrumentalizar os indivíduos a se apropriarem da própria língua, através do estímulo à leitura dos textos acadêmicos e das diversas práticas escritas a exercerem a sua cidadania e agirem ativamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Embora, existam novas tendências e ideias relacionadas aos estudos da linguagem, ainda é muito difícil os professores vencerem esta barreira, colocada no ensino da Língua Portuguesa ao longo dos anos e que persiste ainda hoje. Somente com a formação e estudos nesta área, é possível realizar transformações nesta prática arraigada ao longo da história. Deste modo, este estudo permite a reflexão acerca da escrita dos estudantes universitários, da utilização dos elementos de coesão e os seus fatores norteadores, bem como a existência de incongruências sintático-semânticas nos processos de encadeamentos textuais.

Portanto, este artigo tem como objetivo discutir acerca dos aspectos que influenciam o processo de produção de textos acadêmicos de estudantes universitários, considerando que ainda há muitos desafios na escola que precisam ser superados, dentre eles, as dificuldades encontradas pelos discentes ao concluírem a educação básica, relativos às práticas de leitura e escrita. Assim, as discussões realizadas neste ensaio buscam responder a seguinte questão: Quais os fatores que influenciam o processo de escrita de estudantes universitários?

No decorrer do artigo, serão elucidados a questão investigada, a revisão de literatura expondo o que abordam os teóricos sobre a temática em estudo, a metodologia utilizada, os resultados, as conclusões e as referências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PRODUÇÃO TEXTUAL NAS SALAS DE AULA E AS DIFICULDADES DE ESCRITA DOS ALUNOS

O texto oral ou escrito é uma unidade de comunicação e interação entre os indivíduos, no qual se estabelece relações com o objetivo de expressar ideias. Conforme diz Val (1991, p. 3), “o texto é uma ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica ou formal”.

Os alunos e professores encontram dificuldades relacionadas ao texto escrito, baseando-se no estudo de frases soltas e isoladas, pois o texto e os fatores da textualidade, ainda são pouco estudados em sala de aula, deixando de proporcionar aos discentes a experiência de descobrir a língua de forma viva e real por meio da interação entre os indivíduos, como esclarece Antunes:

Não existe texto sem gramática nem existe gramática que não seja para que os textos sejam possíveis. O que ainda falta, não apenas na escola, mas em todos nós que, por vezes, a pressionamos tanto em torno destas falsas

questões, é uma exploração textual da gramática, o que significa dizer um estudo de como as categorias e as regras gramaticais devem ocorrer nos textos para que eles resultem bem construídos (ANTUNES, 2010, p. 90).

Deste modo, vários autores abordam o texto e os fatores da textualidade, procurando buscar um novo rumo para o ensino na Língua Portuguesa. Dentre eles, Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Silva 2001) abordam tais propriedades, Koch (1989) apresenta o conceito de coesão e os elementos que contribuem para a construção do sentido do texto, Antunes (2003) aborda os três grandes momentos para a atividade de escrever: ***o do planejamento, o da escrita propriamente dita e o da revisão***. Posteriormente, Antunes (2010) também expõe a relação entre a coesão e coerência, diversos mecanismos coesivos, bem como aborda acerca das dificuldades que os estudantes apresentam ao produzirem textos, devido à falta de leitura, do exercício da escrita e das metodologias utilizadas pelos professores ao longo da Educação Básica. De acordo com esta autora, “já não causa surpresa o fato de se constatar que os alunos, até mesmo na universidade, demonstram ter dificuldades significativas na expressão oral, na leitura e na escrita de determinados gêneros mais formais” (ANTUNES, 2010, p. 25).

Ao analisar as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processo de produção de textos ao longo de sua vida escolar, desde o Ensino Fundamental ao Ensino Superior, percebe-se que, geralmente, em sala de aula, o estudo com o texto é negligenciado, pois a maioria dos professores de Língua Portuguesa prioriza exclusivamente os estudos dos elementos gramaticais, de forma desvinculada com o texto.

Antunes (2010) critica o estudo da gramática descontextualizada, restrita à aprendizagem de nomenclaturas ou a opção dos professores em não ensiná-la, mas propõe o estudo dos fatos gramaticais e o porquê de estarem sendo estudados, bem como apresenta as diversas variedades linguísticas e a necessidade de se aprender a norma padrão, adequando-as nas mais variadas situações cotidianas. Enfatiza, sobretudo, a necessidade de se estudar os aspectos interacionais, discursivos e textuais da língua.

Apesar de a linguagem oral ter muitas semelhanças com a escrita, o ato de escrever apresenta características específicas, pois é um diálogo à distância, visto que quem escreve necessita assumir o papel de autor e de leitor, julgando se é possível compreender a mensagem apresentada no texto. A produção textual comumente se configura na percepção dos estudantes como uma atividade difícil, entretanto, esta alegação pode ser atribuída ao pouco exercício da escrita, conforme expõe Machado (2006, p. 49):

Ora, nossa tradição universitária, fortemente assentada no ensino, cultua uma tradição oral, da aula expositiva ou dos seminários onde se fala e se escuta sobre o que se leu. Mesmo utilizando dinâmicas mais modernas e participativas, a oralidade continua sendo a tônica do ensino. O tempo em sala de aula, via de regra, é consumido na discursividade oral. A escrita, característica típica da ciência, tem lugar nas salas de aula da graduação, mais do que nada, no dia da prova. Aí sim, considera-se necessário um documento, uma vez que sobre ele tomar-se-á uma decisão, um julgamento sobre o aluno: aprovação ou reprovação! Ou então, no final do semestre, quando da entrega, ao professor, de um trabalho final.

A referida autora, há vinte anos, desenvolve pesquisas sobre as diversas dimensões da escrita e do processo de escrever e evidencia que a cultura da oralidade, a eficácia da retórica e das práticas oratórias ainda prevalece fortemente no ensino de graduação. Dessa forma, observa-se que uma das alternativas para amenizar a problemática da produção de textos acadêmicos é estimular sua prática com maior frequência e não somente como critério avaliativo formal, uma vez que [...] “na legítima intenção de produzir conhecimentos, escrever faz parte do instrumental de base” (MACHADO 2006, p. 50).

Durante o processo de escrita, deve-se buscar constantemente a clareza e planejar o texto, esquematizando o que se pretende escrever, bem como ter opiniões e argumentos, visto que um texto não é a junção de sentenças, mas exige a presença de unidade temática, versando sobre determinado assunto e a presença da unidade estrutural ao tecer relações através dos elementos coesivos e recursos de estruturação (VAL, 1991). É necessário saber: Sobre o que vou escrever? Para quem vou escrever? Com que finalidade? Faraco e Mandryk (2008) afirmam que “ao reduzir a escrita a uma mera tarefa sem maiores finalidades (escreve-se apenas para preencher linhas e ganhar nota), a escola falseia o ato de escrever e nos dificulta o domínio da escrita”.

Com a finalidade de orientar os alunos universitários, Medeiros (2008, p. 8) propõe estratégias de estudo, ao expor a necessidade da motivação, bem como a organização do tempo para esta prática. Acrescenta ainda, que “o estudo depende ainda de técnicas de anotação, de esquematização de um texto, da transformação do texto em um roteiro, da realização de resumos, do fichamento das ideias relevantes”.

É importante ressaltar que a facilidade de escrita advém, sobretudo, da prática constante da leitura, que muitas vezes não é adquirida na educação básica, afetando, por conseguinte, no desempenho dos alunos na Universidade. Para facilitar o processo de leitura, os discentes precisam ter experiência com a linguagem e reconhecer que o discurso é incompleto, necessitando levar em consideração os pressupostos e subentendidos, o contexto

situacional e histórico, a intertextualidade e os aspectos relacionados à produção de sentido, como a identificação da formação discursiva e da formação ideológica (MEDEIROS, 2008).

O estudante ao ingressar na Universidade terá contato com as diversas atividades desenvolvidas nesta instituição, as quais estão relacionadas ao tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Além disso, perceberão que neste ambiente não ocorre somente a transmissão de saberes, mas sobretudo, a construção do conhecimento realizado através da pesquisa.

Segundo Severino (2007), os objetivos da Educação Superior estão relacionados com a formação profissional, com a iniciação científica e a formação da consciência social, com orientações referentes à prestação de serviços à comunidade. Esclarecendo, ainda, que a pesquisa apresenta uma dimensão epistemológica, pedagógica e social.

Nesta perspectiva, os estudantes universitários perceberão que as atividades de leitura e escrita estarão presentes em seu cotidiano, com a utilização dos gêneros textuais característicos do meio acadêmico, bem como a necessidade da língua portuguesa como instrumento de comunicação das pesquisas desenvolvidas no decorrer dos cursos de graduação, contribuindo com a evolução do conhecimento humano nos diversos campos do saber. De acordo com Machado (2006), a escrita é a ferramenta do pensamento e se constitui como instrumento essencial para elaboração de ideais, por meio da qual se constrói e cria conceitos. Desse modo, os estudantes precisam estabelecer uma relação positiva com o ato de ler e escrever, de forma que o processo de aprendizagem seja facilitado.

Desta forma, conhecer os aspectos relacionados à língua é o pontapé inicial para os estudantes que desejam se engajar no universo acadêmico, desenvolvendo as diversas atividades propostas em sala de aula, a produção de textos, artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso.

Diante das novas tendências e ideias relacionadas à linguagem debatidas nas últimas décadas, os professores encontram muitas dificuldades para orientarem aos alunos e para vencerem os equívocos praticados no ensino da Língua Portuguesa, os quais poderão ser superados com a conscientização dos estudantes em relação à importância da leitura e com a adequada formação docente, bem como a realização de estudos e pesquisas nesta área.

2.2 O TEXTO E OS FATORES DA TEXTUALIDADE

Geralmente, as atividades de escrita em sala de aula estão restritas às palavras soltas, de redações descontextualizadas ou ao estudo dos conteúdos gramaticais isolados. Hoje, há

muitas discussões e estudos nesta área, entretanto, a prática nas escolas ainda demonstra que são necessários muitos progressos no estudo da língua e na escrita.

Segundo Antunes (2010), escrever é uma atitude de interação, por isso é preciso dar sentido a esta atividade quando se está procurando trocar informações ou ideias. A escrita caracteriza-se por ser cooperativa, em que dois ou mais sujeitos agem para dar sentido ao texto, por ser contextualizada em um determinado momento ou espaço e por ser textual, pois não se fala ou se escreve por meio da junção de frases aleatórias. Diante das dificuldades existentes no trabalho com os textos em sala de aula, percebe-se que esta não é uma tarefa fácil, exigindo do indivíduo muito esforço, a começar do planejamento, da escrita propriamente dita e da revisão, possibilitando a reescrita do texto, com substituição e adequação de palavras ou trechos do texto.

A escrita é uma atividade definida de forma intencional, orientada, intertextual, pois retoma a outros textos, escrevendo para um fim ou objetivo, utiliza especificidades linguísticas e pragmáticas e, além disso, depende de orientação e de leitura, pois estas ações se complementam (ANTUNES, 2005).

Conforme Beaugrande e Dressler (1981 *apud* Silva, 2001), o texto acontece entre os interlocutores, em determinadas situações, baseando-se em fatores da textualidade como: coerência, coesão, (centrados no texto), intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade (centrados nos usuários).

2.3 COESÃO E COERÊNCIA

A coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários, fazendo com que o texto faça sentido para os usuários. Constitui-se a possibilidade de se estabelecer no texto, alguma forma de unidade ou relação. É a continuidade de sentidos, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto, envolvendo aspectos de tipo lógico e fatores socioculturais diversos. Como se percebe, a coerência é, ao mesmo tempo, semântica e pragmática. Para que ela aconteça, é preciso que haja a possibilidade de se estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre os seus elementos (ANTUNES, 2010).

Enquanto, a coesão é a manifestação linguística da coerência, constituída através da ligação entre os elementos superficiais do texto, do modo como eles se relacionam, do modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar o desenvolvimento da situação comunicativa. É demonstrada através das marcas linguísticas, dos aspectos sintáticos,

semânticos e gramaticais. Conforme diz Halliday e Hansan (1976 *apud* Silva, 2001, p. 62), a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento que é crucial para a sua interpretação que o antecede ou sucede. Segundo ela, há dois tipos de coesão: coesão gramatical (expressa através da gramática) e a coesão lexical (expressa através do vocabulário).

Através da coesão ocorre uma continuidade de sentido ou semântica através das relações de reiteração (relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo retomados, criando-se um movimento constante de volta aos segmentos), associação (é a relação que se cria no texto por meio diversas palavras presentes, pertencentes a um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins) e conexão (ligação sintático-semântica entre termos, orações, períodos e parágrafos) (ANTUNES, 2010).

Quando se realiza a reiteração, podem ser realizados os procedimentos da repetição, (incluindo a paráfrase, o paralelismo e a repetição propriamente dita) e da substituição de um termo por um pronome, por um advérbio, por um sinônimo, por um hiperônimo (nome genérico) ou por uma descrição. Desta forma, podem ser usados diversos recursos coesivos, conforme diz Antunes:

De fato, a observação de textos, de uma narrativa escrita, por exemplo, nos mostra como o autor, em geral, adota, na sequência do texto, a estratégia de ir variando entre repetir a palavra, substituí-la por um pronome, por uma expressão equivalente ou recorrer a uma elipse. Assim é que as cadeias coesivas, que sinalizam a continuidade do texto, vão sendo formadas por diferentes recursos. (ANTUNES, 2010, p. 120)

É no exercício constante em sala de aula, com a produção de diversos textos e a reescrita dos mesmos que as dificuldades vão sendo superadas e os alunos perceberão a importância dos conteúdos desta disciplina para a vida cotidiana e para um melhor desempenho no mundo do trabalho.

3 METODOLOGIA

Este estudo se baseia em uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico e abordagem qualitativa, com interpretação de uma realidade social e o objetivo de refletir acerca da temática em questão em virtude das dificuldades apresentadas pelos estudantes quanto à produção de textos acadêmicos.

Conforme diz Gil (2010), a pesquisa exploratória tem como finalidade conhecer melhor o objeto em estudo e formular hipóteses relacionadas ao tema proposto fundamentadas

em discussões apresentadas pelas obras de diversos teóricos. No que concerne à pesquisa bibliográfica, salienta-se que a explicação ao objeto ocorre a partir de teorias e pensamentos publicados em artigos, livros, dissertações e teses. “São elaboradas principalmente com base em material já publicado, as pesquisas referentes ao pensamento de determinado autor e as que se propõem a analisar posições diversas em relação a determinado assunto (GIL 2010, p. 30).

Para tanto, foi realizada a leitura e fichamento acerca de livros e textos de diversos autores que abordam a temática relativa à escrita de textos acadêmicos para a construção do referencial teórico. Posteriormente, buscou-se apresentar a discussão das ideias apresentadas e proposição de ações a fim de realizar o enfrentamento desta problemática no âmbito de uma Universidade pública.

Desta forma, as propostas não se restringem apenas ao trabalho docente em sala de aula, mas dependem de diversas ações da instituição universitária através do desenvolvimento de projetos de extensão, realização de cursos e oficinas que contribuam para o engajamento dos estudantes ao universo acadêmico, bem como o entendimento e a conscientização dos estudantes quanto à importância do seu papel no que concerne às leituras e as produções dos textos acadêmicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita é um desafio para estudantes no ingresso na Universidade e, para vencê-lo, será necessária a disposição dos estudantes e o comprometimento dos professores de Língua Portuguesa e de outros componentes de áreas afins em adotarem práticas que desenvolvam a competência textual dos discentes e o incentivo a leitura de diversos tipos de textos. Além destes profissionais, será relevante o envolvimento de professores voluntários, com formação na área de Letras e Pedagogia, que poderão contribuir com o desenvolvimento de minicursos, oficinas e organização de projetos extensionistas, com o objetivo de abordar temáticas relativas à leitura e práticas de escrita com os estudantes.

Por conseguinte, a utilização de metodologias na perspectiva textual-interativa surge como uma alternativa com a finalidade de incentivar a escrita, produzir diversos textos e ter contato com vários gêneros textuais. Além disso, o trabalho com a reescrita de textos pode instigar a necessidade de aprimorar o trabalho com as palavras e expressão de ideias em situações de interação comunicativa, bem como realizar a reflexão sobre a linguagem e construção de hipóteses sobre a língua e trabalhar na dimensão do funcionamento textual-

discursivo. É possível inferir a relevância do papel do professor universitário no desenvolvimento de ações com vistas a orientação, acompanhamento e aprimoramento de atividades de escrita. A utilização de diferentes gêneros textuais e discursivos, a adoção de metodologias diferenciadas e o exercício constante do escrever são alternativas que podem contribuir para mudar a concepção dos estudantes acerca da produção de textos acadêmicos.

Acrescenta-se, ainda, o conhecimento dos estudantes referente ao uso dos marcadores sintático-semânticos nos processos de coesão dos textos, possibilitando a unidade estrutural e, contribuindo, para que ocorra a coerência e a unidade temática das produções. Percebe-se, então, que no decorrer das produções textuais, os parágrafos precisam estar interligados, ocorrendo uma constante relação entre as diversas partes dos textos.

Assim sendo, este estudo se configura como uma base para que estudantes universitários possam refletir aspectos relacionados ao desenvolvimento das competências de leitura e escrita de forma dialógica e interativa. Vale salientar ainda, a contribuição para os estudos de linguagem, pois embora, tenham muitos trabalhos nesta área, a prática de escrita nesta perspectiva ainda não é unânime na educação básica e superior.

CONCLUSÕES

As discussões elucidadas neste ensaio se relacionam às dificuldades enfrentadas pelos estudantes universitários no que concerne à escrita de textos acadêmicos, decorrentes de fatores provenientes da educação básica, como o apego excessivo aos conteúdos de gramática em detrimento das práticas de produção textual e do estudo dos mecanismos de coesão e coerência, necessários para a unidade temática dos textos.

Estes desafios se tornam perceptíveis ao chegar à educação superior e quando os estudantes são solicitados para elaborar textos dos gêneros acadêmicos, como resumo, resenha, relatórios, artigos e, sobretudo, os trabalhos de conclusão de curso. Desta forma, os professores universitários se deparam com as lacunas na formação da educação básica e encontram diversos obstáculos para trabalhar a leitura e produção de textos, visto que os educandos precisariam estar preparados para se apropriarem de conhecimentos do ambiente universitário, relativos ao ensino, pesquisa e extensão.

Esta temática torna-se de grande relevância científica e social, pois está relacionada à possibilidade de reflexão sobre a língua, contribuindo para a formação de estudantes universitários, futuros licenciados e profissionais atentos à importância de se estudar a língua portuguesa numa perspectiva interacionista e ao uso dos recursos linguísticos para a

realização do encandeamento de elementos e ideias nas diversas práticas textuais cotidianas. A atitude de reflexão sobre a língua é inerente ao ser humano, pois é através dela que os indivíduos interagem entre si e com o mundo que o cerca, seja nos espaços formais de educação, nas relações institucionais e no mundo do trabalho. Então, torna-se uma atividade de empoderamento dos estudantes o papel de orientá-los na construção de textos coerentes e coesos, os quais tenham sentido em seus processos de comunicação.

Neste sentido e conforme as abordagens de Antunes (2014), os estudantes precisam desenvolver as habilidades de leitura e escrita, bem como as competências comunicativas que se apresentam nos diferentes suportes e recursos tecnológicos, possibilitando-os a participação na sociedade. Torna-se imprescindível o despertar do gosto pela literatura, o incentivo para a leitura e interação com os diversos gêneros textuais orais e escritos como notícias, poesias, contos, crônicas, cartas, editoriais, textos de divulgação científica e outros. Estas práticas de letramento contribuirão para que os discentes tenham maior facilidade para se adaptarem ao ambiente acadêmico, bem como constitui em uma alternativa e perspectiva para ser trabalhada nos primeiros semestres dos cursos de graduação a fim de despertar os discentes para as práticas de leitura e escrita na Universidade, e posteriormente, apresentá-los os gêneros acadêmicos como resumos, fichamentos, resenhas e artigos científicos.

Diante disso, percebe-se a necessidade do desenvolvimento das competências de escrita, utilizando-se da interdisciplinaridade como instrumento para a interação de diversas áreas de conhecimento e de diversos profissionais da educação, considerando que tais dificuldades influenciam na aprendizagem dos conteúdos e na inserção dos estudantes no ambiente profissional.

Portanto, acredita-se que o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dependem de uma multiplicidade de fatores relacionados à conscientização dos discentes para importância da leitura no ambiente acadêmico, a interação com os diversos gêneros e tipologias textuais, bem como a utilização de metodologias e práticas interdisciplinares numa perspectiva textual-interativa. Destarte, torna-se imprescindível reconhecer que a língua constitui como instrumento de poder e contribui para o ingresso no meio acadêmico e no mundo do trabalho e, sobretudo, para o exercício da cidadania dos estudantes universitários.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____, Irandé. **Lutar com Palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____, Irandé. **Lutar com palavras – Coesão e coerência**. 1 ed. 5 reimp. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____, Irandé. **Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail; Volochínov, V. N **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. 12. ed. Trad. M. Lahud e Y. F.Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto; MANDRYK, David. **Língua Portuguesa: prática de redação para estudantes universitários**. 12. Ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.
- MACHADO, Ana Maria Netto. **A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações**. In: A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (Orgs.) 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 Ed. Rev. Atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **Questões de linguagem gramática, texto e discurso**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.
- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.